

RECADO DE PARIS

PARIS, abril — Marc Chagall expõe na Galeria Maeght. Ora, eu devo confessar que fui ao "Vernissage" meio sem fé, pensando: meu Deus, será que esse homem ainda faz, como eternamente, seus casais esvoaçando sobre telhados e burricos tocando violino e velhos barbudos lendo o Velho Testamento, e luas amarelas ou rubras? Essa fácil linguagem lírica me cansa e enjôa. Ele ainda fará isso?

Faz; e não faz outra coisa. Mas faz bem; é me deu a impressão de que cada vez melhor. Afinal de contas essa longa repetição de motivos parece representar para ele, como para outros, uma libertação do plástico. Quero dizer que, contando quase sempre a mesma história, ele tem calma para se entregar a todos os prazeres da linguagem. Alguns de seus quadros são longamente trabalhados, com um desperdício de sutilezas inesperadas de tons em cantos perdidos e uma riqueza de invenção plástica excelente. E que trabalhador: vemos aqui uns 25 quadros seus do ano passado, já muitos deste ano, e além disso, como toda gente, ele está fazendo cerâmica (toda datadas de 1950) e algumas lindas. Aparecem ainda 13 gouaches feitos para ilustrar as "mil e uma noites, e 118 águas-fortes que ilustram as "Almas Mortas". Até o catálogo vale a pena; tem duas litografias originais, a cores.

* * *

Serge Bromberger escreve em "Le Figaro" uma série de artigos sobre o Brasil. Conta a história do café, fala da aviação, dos imigrantes, do Rio e de São Paulo, da Fundação Brasil Central e da Batalha da Borracha. Para o leitor francês deve ser interessante, e os erros e equívocos são ligeiros. Menos um, que fez com que um diretor de jornal brasileiro se irritasse profundamente e fôsse até a redação protestar: o repórter francês disse que no Rio o calor era de 45 graus...

O protesto acabou em conversa cordial e convite para uma visita completa ao grande matutino.

Eem que um outro francês, Daminos, colaborando em um livro sobre cortesia internacional deu este conselho: no Brasil, não fale de calor nem de cobras.

Eu poderia também explicar o que não se deve falar na França; mas enfim, cortesia é cortesia...

R. B.

30.4.50